

Itamar acena com crescimento para obter apoio

Humberto Pradera

HELIVAL RIOS

O presidente Itamar Franco já está costurando pessoalmente, nos meios políticos, uma aliança que, segundo o seu entendimento, vai garantir uma sólida base política no Congresso Nacional, que vai perdurar até o final do seu mandato. Nesta aliança, o Governo dá em troca do apoio político, basicamente, uma garantia expressa do fim sumário da recessão. Mesmo tendo de conviver, por enquanto, com uma taxa de inflação elevada, o presidente Itamar Franco tem dito a vários dos seus interlocutores no Congresso que o Brasil deverá crescer pelos menos 5% este ano, e 7% em 1994.

Os ministros Fernando Henrique Cardoso, da Fazenda, Walter Barelly, do Trabalho, e José Eduardo Vieira, da Indústria, Comércio e Turismo (também acumulando a pasta da Agricultura), declararam-se otimistas com as perspectivas de crescimento da economia brasileira.

Se o Brasil vinha atrapalhando o crescimento da América Latina, conforme sugeriu a ONU (Organização das Nações Unidas), o que era um fato até o final de 1992, isso deixará de ser verdade a partir deste ano. Somente resta ao País, agora, é resolver a questão da estabilidade dos preços, o crônico problema da inflação. Este capítulo, contudo, segundo creem os três ministros, vai ter de esperar um pouco mais.

"O que o atual governo não aceita mais" — explicou ao *Jornal de Brasília* o ministro Walter Barelly — "é a teoria de que o País precisa interromper o seu crescimento para, deste modo, conseguir combater a inflação. Nós vamos fazer o contrário: vamos alimentar o doente, revigorar suas forças para, aí sim, criar condições efetivas para sua recuperação", afirmou.

Avião em voo — Debelar a inflação enquanto o País cresce, para Walter Barelly, equivale exatamente a se consertar um avião em pleno voo. "É exatamente isto o

que o governo Itamar Franco vai fazer" — ele assegura.

Já o ministro José Eduardo Vieira explica seu otimismo com relação à retomada do crescimento, basicamente pelo bom desempenho de alguns setores, a partir de uma ação concertada nas câmaras setoriais, tais como os da indústria automobilística, que vai bater este ano um recorde de produção de 1,2 milhão de veículos, e da construção naval, além da agricultura e das exportações.

Para o ministro Fernando Henrique Cardoso, o governo Itamar Franco rasgou as receitas recessivas e devolve ao País a possibilidade de soluções mais imediatas dos seus problemas, com a retomada do crescimento. Para o ministro, no atual governo, "comida, emprego e combate à carestia não estão esquecidos". Fernando Henrique diz que tem recebido informações concretas apontando para um excelente desempenho econômico de praticamente todos os setores com os quais tem mantido contato.



Itamar já costura uma aliança com o Congresso e garante crescimento de 5% em 93, mesmo com inflação

Empresário deve investir já, diz Barelly

A ordem agora é investir. Os empresários brasileiros, apesar dos problemas vividos com a inflação, sentem que o momento é de recuperação plena das suas atividades produtivas e de ocupação de novas fatias do mercado. A hora é de modernidade, da busca de maiores vendas e de mais competitividade — destaca o ministro Walter Barelly, ao fazer uma análise sobre a atual conjuntura e as perspectivas do crescimento econômico.

Um país que retoma assim o seu crescimento — diz o ministro Barelly — tem plenas condições de resolver todos os seus problemas, principalmente porque vem de 13 anos de recessão profunda.

Barelly diz que no primeiro semestre deste ano, com relação a idêntico período do ano anterior, a indústria química cresceu 18,7%, contra uma taxa de crescimento de 40,9% do setor elétrico; 31,6% do setor de transportes, e 17% do setor de metalurgia. "Se não atrapalharmos — destaca o mi-

nistro — "o Brasil poderá crescer 7% ao ano com tranquilidade".

Para o ministro, a retomada do crescimento econômico poderá ser a solução ideal para muitos dos problemas brasileiros, inclusive o da redistribuição de renda e até o da busca da estabilização econômica. "Temos de sair de uma perspectiva de curtíssimo prazo, para uma perspectiva de longo prazo" — o que, a seu ver, acontecerá com a conquista da estabilização que, no entanto, deve demorar.

Quinquilharias — O processo de retomada do crescimento econômico, para Barelly, pode ser observado até mesmo pelo ângulo das importações, que além de registrarem um bom desempenho, tornaram-se muito mais qualitativas, ou seja, o País não está mais importando quinquilharias. A parte mais substancial do aumento das importações é mesmo de máquinas e equipamentos, o que significa que as empresas estão se reestruturando, se modernizando

e se preocupando mais com a competitividade. "Portanto" — diz — "o setor privado está gastando corretamente os seus recursos, o que significa que vamos mesmo entrar num ciclo de crescimento real".

No que se refere ao combate à inflação, Barelly assinala que o sucesso somente virá depois de um ajuste fiscal. Aos grupos que apostam na inflação para multiplicar seus ganhos, o ministro do Trabalho adverte que quem ganha na inflação perderá tudo, certamente, na hiperinflação. "Ou essa gente toma juízo agora, ou vai ter de mudar de País".

Quanto à dolarização, o ministro mostra-se temeroso: "Vamos dar um salto no escuro? Eu pergunto porque todos estão cansados de saber que uma decisão destas não tem volta". O ministro explica, ainda, que os argentinos suportaram uma dolarização porque lá os salários são, em média, três vezes maiores que os do Brasil. (H.R.)

Para Vieira, País reverteu crise

"Quando o Brasil começou a retomar o crescimento, os pessimistas se apressaram em dizer que se tratava de apenas uma bolha. Hoje, passados nove meses da retomada dessa trajetória positiva, verifica-se insofismavelmente que a bolha não explodiu e, muito ao contrário, cristalizou-se num desenvolvimento sólido". Os argumentos são do ministro José Eduardo Vieira, da Indústria, Comércio e Turismo (acumulando também a pasta da Agricultura), para quem não há mais dúvida de que o governo Itamar Franco conseguiu reverter completamente a situação na qual encontrou o País, há 11 meses: mergulhado na completa desordem e na recessão.

Satisfeito com as perspectivas de produção da indústria automobilística para este ano, entre 1,2 milhão a 1,3 milhão de unidades, o ministro diz que já no início de 1994 este setor estará gerando cerca de 90 mil empregos diretos.

A elevação do nível de empregos também será estimulada por outros setores como os da construção naval e das exportações. Neste último, para cada mais US\$ 1 bilhão exportado, cria-se aproximadamen-

te mais 200 mil empregos. Como o Brasil deverá exportar mais US\$ 3 bilhões este ano, conclui-se que serão criados, somente por conta deste segmento, mais 600 mil empregos.

Criar mais empregos na economia, diz o ministro José Eduardo Vieira, significa que mais pessoas vão se vestir, vão comer, vão consumir, garantindo-se, deste modo, a renovação de mais um fluxo de crescimento para a economia.

Vitalidade — "Se olharmos hoje para quase todos os setores da economia" — diz José Eduardo Vieira — "podemos perceber sinais de vitalidade". Cita, como um dos exemplos, o setor de supermercados, hoje gerando mais de 500 mil empregos, e respondendo já com 5,5% do PIB (Produto Interno Bruto).

Comparando-se o primeiro trimestre do ano com o segundo trimestre, verifica-se que as vendas na indústria registraram uma elevação real de 5,63%, enquanto os salários médios na Grande São Paulo também cresceram de US\$ 369 para US\$ 430, (16,53%), significando, assim, uma melhoria do poder de compra da população. As vendas

no setor eletroeletrônico, no mesmo período, elevaram-se em 29%, sendo que somente no mês de junho último, venderam-se no País nada menos que 3 milhões de aparelhos de televisão em cores.

Este mesmo otimismo dos ministros José Eduardo Vieira e Walter Barelly é partilhado pelo ministro Fernando Henrique Cardoso, que sente mais de perto as dificuldades do combate à inflação. Para Fernando Henrique, as respostas positivas virão dos mais diferentes setores, notadamente da agricultura e das exportações.

"No mês passado" — ele diz — "nós exportamos US\$ 3,7 bilhões e importamos US\$ 2,6 bilhões, sendo que as importações elevaram-se acentuadamente no setor de bens de capital, o que significa que está havendo investimento, está havendo renovação tecnológica".

O ministro disse que conversou recentemente com o governador de Santa Catarina, Vilson Kleinubing, que lhe relatou que aquele estado exporta hoje, em termos brutos, mais que o Rio de Janeiro, e em termos per capita, mais do que São Paulo. (Helival Rios)